

Movimento Hare Krishna, contracultura e música popular

Debora Baldelli¹

Universidade Nova de Lisboa

Resumo: Este artigo procura debater a relação entre o movimento de contracultura dos anos 60, nos Estados Unidos da América e a música popular como fundamentais para o estabelecimento da prática espiritual propagada pelo Movimento Hare Krishna. O cenário cultural e político em que o Movimento surge nos Estados Unidos da América é caracterizado por uma abertura à filosofia hindu e por uma busca por novos estilos de vida entre os jovens. Os movimentos sociais e culturais dos anos 60 e o movimento da contracultura criaram o contexto ideal para o lançamento desta, assim como de outras propostas de espiritualidade e religiosidade originárias da Índia. O envolvimento do líder da ISKCON (Associação Internacional para a Consciência de Krishna) com bandas como os The Beatles e com ícones da contracultura como Allen Ginsberg foram fundamentais para a sua propagação como prática espiritual e alternativa de vida para a época, culminando na organização de um festival chamado "Mantra Rock Dance", em São Francisco, marco importante, tanto na propagação da prática, como na relação entre o Movimento Hare Krishna, o movimento da Contracultura e a música popular.

Palavras-chaves: Música popular. Movimento de contracultura. Movimento Hare Krishna. Religião.

Hare Krishna Movement, counterculture and popular music

Abstract: This article seeks to discuss the relationship between the counterculture movement of the 1960s in the United States of America and popular music as fundamental for the establishment of the spiritual practice propagated by the Hare Krishna Movement. The cultural and political scene in which the Movement emerges in the United States of America is characterised by an openness to Hindu philosophy and a search for new lifestyles among young people. The social and cultural movements of the 1960s and the counterculture movement created the ideal context for the launch of the Hare Krishna spiritual practice, as well as other proposals for spirituality and religiosity from India. The involvement of the ISKCON (International Society for Krishna Consciousness) leader with bands such as The Beatles and counterculture icons such as Allen Ginsberg was instrumental in spreading its spiritual practice and alternative life proposal at that time. This involvement culminated in the organisation of a festival called Mantra Rock Dance, in San Francisco, a significant milestone both in the propagation of practice and in the

¹ O conteúdo deste artigo baseia-se na tese de doutorado da autora intitulada "Práticas espirituais e expressivas no contexto migratório: uma etnografia do Movimento Hare Krishna na cidade de Lisboa", 2017, Universidade Nova de Lisboa, Instituto de Etnomusicologia, financiada pela CAPES.

relationship between the Hare Krishna Movement, the Counterculture movement and popular music.

Keywords: Popular music. Counterculture movement. Hare Krishna Movement. Religion.

Neste artigo abordo o início do Movimento Hare Krishna, contextualizando o momento histórico em que surge, nomeadamente no âmbito do movimento de contracultura dos anos 60, nos Estados Unidos da América. Refiro o modo como os movimentos sociais e culturais da época criaram o contexto ideal para o lançamento do Movimento Hare Krishna, assim como de outras propostas de espiritualidade e religiosidade originárias da Índia. Abordo o modo como as propostas de estilo de vida alternativos são ancoradas em filosofias hindu adaptadas ao "Ocidente"² e autenticadas por uma ideia de "tradição" e "método científico espiritual". E, por fim, a partir do Movimento Hare Krishna, aponto para a relação existente entre as novas religiões e a música popular como importante na consolidação e propagação destas propostas.

Apresentando o Movimento Hare Krishna

O Movimento Hare Krishna centra-se na devoção à Krishna, uma das deidades centrais do Hinduísmo, e faz parte da escola filosófica *Brahma Madhava Gaudiya*

² Uso "Ocidente" e "Oriente" sempre entre aspas por serem categorias êmicas. O "Ocidente" em geral refere-se aos Estados Unidos, a Europa e pode incluir a América do Sul, já "Oriente" em geral é tudo que está relacionado com o continente sul-asiático, em especial a Índia.

*Vaishnava*³. A prática espiritual proposta pelo Movimento Hare Krishna afirma ser o renascimento de uma consciência de Deus (ou Krishna) e de um relacionamento com o supremo que o ser humano já teve, mas perdeu e que nenhuma outra prática oferece (Daner, 1976:33). Entendo o Hinduísmo⁴ como um conjunto de tradições filosóficas, escrituras, práticas de devoção e movimentos ascéticos (SHELDRAKE, 2012:11). O termo hinduísmo parece implicar que existe um sistema religioso unificado, porém existem diversas tradições dentro de um mesmo hinduísmo, sendo, portanto, mais indicado falar em "hinduísmos" ou "tradições hindus" (KNOTT, 2016).⁵ O Movimento Hare Krishna foi criado a

³ Sampradaya são "sistemas religiosos" ou "escolas" dentro do Vaisnavismo. Existem diferentes sistemas religiosos dentro do vaisnavismo. A sampradaya seguida pelos devotos da ISKCON é mais conhecida como "Brahma", mas existem pelo menos outras três bastante difundidas chamadas Sri, Rudra e Nimbarka.

⁴ Tanto o hinduísmo, como o termo "hindu" é comumente associado aos Vales Indus, na Índia. O hinduísmo é muitas vezes descrito como *sanatana dharma*, que significa tradição eterna ou religião, apontando para a origem anterior à história humana, com suas "verdades", sendo reveladas pelo divino e passadas para a atualidade através dos *Vedas* (KNOT, 2016:3).

⁵ Segundo Lourenço, "o hinduísmo em diáspora é uma religião em mudança", sendo este fenômeno expresso nas designações como "novo hinduísmo" e "hinduísmo ecumênico" (2009:197).

partir de uma tradição hindu, o que não implica necessariamente com que a sua prática espiritual faça parte do hinduísmo.

"Movimento Hare Krishna" é como os devotos referem-se à prática espiritual a qual fazem parte. Quando registrou a prática religiosa em 1966 nos Estados Unidos, criando a ISKCON (*International Society for Krishna Consciousness*), Bhaktivedanta Swami Prabhupada, seu fundador, definiu a prática como um "movimento espiritual", apesar de entre os devotos de Lisboa ser mais comum ser referido como um "movimento cultural". A adoção do termo "movimento" também está associada com a deslocação do guru fundador para os Estados Unidos da América para a propagação de sua prática espiritual e o envio de devotos para outros países para a

difusão dos ensinamentos de Krishna, estando o Movimento "sempre em movimento" e sendo desde sempre transnacional.

O termo "movimento" é utilizado em diferentes áreas como as artes, as ciências, a filosofia para denotar algo novo, ou seja, uma mudança de paradigma em determinada área, um desejo de mudança para um novo "lugar", a mudança de um momento para outro. "Movimento" pode ser também o mesmo que "organização" ou um "coletivo" que suscita a adesão de um grupo de pessoas. Proponho perspectivar o Movimento Hare Krishna como um "movimento cultural e espiritual", pelo seu diálogo com a cultura popular, em especial com a música, a partir de práticas expressivas nos templos e nas ruas das cidades.



Figura 1. Mantra-Rock Dance poster, por Harvey W. Cohen, dezembro de 1966.
(Fonte: https://en.wikipedia.org/wiki/Mantra-Rock_Dance)

Um guru em Nova York

Na narrativa da história do Movimento contada pelos meus colaboradores e pela biografia oficial⁶ de seu fundador (SATSVAPURA, 1983), o objetivo principal da viagem de Prabhupada para Nova York era levar a fé de Krishna ao "Ocidente", que considerava completamente "absorvido pelo materialismo".

O nome de registro de Prabhupada é Abhay Charan De, nascido em 1 de setembro de 1896 em Calcutá, na Índia. Por ter sido educado no período da luta da independência da Índia, inicialmente associou-se às ideias de Gandhi⁷. Foi em 1922 que Prabhupada conheceu Bhaktisiddhanta Sarasvati Thakura, que se tornou seu guru no Vaisnavismo. Segundo sua biografia oficial (1983), a conversão de Prabhupada foi intelectual. O argumento de Bhaktisiddhanta Sarasvati Thakura para convencer Prabhupada centrou-se em justificar que o trabalho de Deus era mais importante que a "política mundana", que estaria a fazer um

serviço maior a partir da propagação do vaisnavismo como filosofia de vida do que como ativista político. Em 1944, Prabhupada começou a publicar uma revista chamada *Back to Godhead* com os ensinamentos do seu guru. Seguidamente Prabhupada iniciou seu trabalho como autor e tradutor. Traduziu os três volumes do *Bhagavata Purana* para inglês, também conhecido como *Srimad Bagavatam*. A biografia de Prabhupada escrita por Satsvarupa Dasa Goswami (1983) refere que o guru acreditava que a apresentação dos escritos sagrados fora da Índia numa língua mais amplamente disseminada poderia criar uma "verdadeira revolução". Depois da publicação destes três livros em inglês, em 1965 Prabhupada viajou para Nova York, começando por dar aulas usando estes mesmo livros no então decadente bairro de Bowery. O guru sobreviveu durante um período da venda das cópias que levou. A narrativa da sua história conta que o primeiro volume que vendeu foi para o capitão do navio.

Quando Prabhupada conseguiu alugar uma loja no East Village, passou a atrair regularmente hippies para as suas atividades. Quando já tinha um número razoável de frequentadores, resolveu ir com este grupo cantar mantras ao pé de uma árvore na *Tompkins Square Park*, onde distribuía folhetos com os dizeres "*Stay High forever*" (mais sobre isto adiante). Em 1967, Prabhupada enviou discípulos para São Francisco para abrir um templo no *Haight-Ashbury district*. Em 1968 enviou também discípulos para a Inglaterra e a Alemanha. Em 1970 Prabhupada resolve propagar a filosofia da ISKCON na Índia. Até a sua morte em 1977, estima-se em sua biografia que Prabhupada tenha dado 14 voltas pelo mundo, aberto mais de cem templos e iniciado mais

⁶ A única biografia de Prabhupada publicada pela ISKCON intitula-se "Prabhupada. He built a house in which the whole world can live", publicada em 1983 por Satsvapura Dasa Goswami, um de seus discípulos.

⁷ "O legado de Gandhi (1869-1948) serviu como bandeira para os que adotaram uma forma de vida alternativa e se engajou nas filosofias orientais. Mohandas Karamchand Gandhi, sem ser um mestre espiritual, foi considerado pela população indiana como um santo. Sendo um hinduísta ortodoxo, apesar da repulsa pelo sistema de castas, baseou sua luta pela independência da Índia em quatro pilares: satya (verdade divina); ahimsa (não violência); tapasya (renúncia); e svaraj (autonomia e liberdade)" (MOROTTO, 2007:48).

de 4000 devotos (Satisvarupa, 1983; Ketola, 2004:313).

Para o antropólogo Victor Adami, a identidade de Prabhupada somente adquiriu "significado histórico" no encontro com o movimento da contracultura norte-americana. Os jovens envolvidos no Movimento encontraram em Prabhupada uma "tradição" que lhes oferecia um sentido de coesão comunitária (2013:125). Os primeiros discípulos de Prabhupada foram, na sua grande maioria, músicos e artistas, alguns mediatizados como George Harrison, que se interessavam por música transcendental e filosofia oriental. Muitos tocavam instrumentos e praticavam meditação combinada com o uso de drogas. Com efeito, o movimento da contracultura, contribuiu para consolidar a identidade de Prabhupada como pregador no "Ocidente", algo que de acordo com a sua biografia, inicialmente, ele não havia conseguido na Índia.

No princípio, até que tivesse um número que considerasse razoável de discípulos, Prabhupada mostrou-se flexível quanto a alguns dos princípios de sua proposta de filosofia de vida - a exemplo de regras específicas para cantar os mantras-, para que não existisse um corte tão radical em alguns dos hábitos culturais dos norte-americanos (ADAMI, 2013; ROCHEFORD, 1985).

O fato da pregação Hare Krishna ressaltar uma "vida simples, pensamento elevado e oposição ao materialismo" (ADAMI, 2013:124) e, ter surgido quando existia um forte discurso de abandono dos valores culturais dominantes e das crenças religiosas previamente existentes (VALLVERDU, 2001), atraía muitos jovens a transformarem-se em discípulos de Krishna. A junção de

jovens hippies e Prabhupada, ambos associados ao "exótico" e/ou "alternativo", possibilitava gerar conexões nos processos de construção identitária, criando associações entre eles num contexto social mais amplo (KETOLA, 2004:125).

O Movimento Hare Krishna e o Movimento de Contracultura

O Movimento Hare Krishna inicia seu percurso nos Estados Unidos da América como parte de um fenômeno de eclosão de novos grupos espirituais e cultos religiosos nos anos 60 que integrava o movimento de contracultura (JUDAH, 1974; VALLVERDÚ, 2001; KETOLA, 2004; DANER, 1976). Contracultura ou contra cultura, tornou-se o termo padrão usado para rotular o movimento após a publicação, em 1969, do influente livro de Theodoro Roszak "*The making of a counter culture*", mencionado em praticamente toda a literatura acadêmica sobre contracultura. Até então vários termos concorrentes descreviam a revolta dos jovens como "cultura alternativa" e "*underground*" (MILLER, 1991: XVI).

Desde os anos 50, o movimento da contracultura, nos Estados Unidos, ensaiava alternativas ao *status quo* nos campos da política, estética, religião e estilos de vida (MAGNANI, 1999:13). Os *beatniks*⁸ da década de

⁸ Os *beatniks* são também conhecidos como *geração beat*. Foi Jack Kerouac que chamou pela primeira vez os jovens norte-americanos que eram contra a segunda-guerra mundial, que rejeitavam a cultura mainstream de seu país e que buscavam no budismo uma fonte de inspiração para uma nova filosofia de vida, de "geração beat" (REX, 1975). Já o termo *beatnik* surgiu com a publicação de um artigo do jornalista Hern Caen, do

1950 já defendiam o abandono da sociedade, promovendo novas formas de arte e literatura, o uso da maconha e a audição de músicas consideradas na época não ortodoxas como o jazz (MILLER, 1991: XVI). Para Roszak (1972), "é inquestionável que os beatniks de São Francisco, e grande parte da geração mais jovem que os seguiram, pensaram ter encontrado no Budismo⁹ alguma coisa de que necessitavam, e logo passaram a utilizar o que compreendiam dessa tradição exótica como justificativa para satisfazer suas necessidades" (ROSZAK, 1972:140). Outros autores apontam, como ponto de partida, acontecimentos ainda anteriores, como o pós-guerra e a geração existencialista francesa, através dos seguidores de Sartre e de Camus, que iniciaram atitudes de

San Francisco Chronicle, que, em 1958, inspirado também no lançamento do primeiro satélite artificial pelo programa espacial russo chamado Sputnik, acabou por unir os termos *beat* e o sufixo *nik*. Tamony (1969) afirma que a *geração beat* foi a que fez a ponte entre os hipsters (aficionados do Jazz nos anos 40) e os hippies. Os principais líderes da *geração beat* eram os jovens autores na época: Jack Kerouac, Allen Ginsberg, Gregory Corso, Philip Whalen, William Burroughs e John C. Holmes (WOMACK, 2002:18).

⁹ Para Mitchell (2013), ao rejeitar o clima de repressão dos anos 50, a geração beat foi buscar inspiração no "Oriente". Autores como Jack Kerouac e Allen Ginsberg declararam abertamente inspirar-se no Budismo. Segundo o autor, a geração beat influenciou o desenvolvimento do budismo nos Estados Unidos da América, com alguns de seus mais importantes autores tornando-se também líderes de comunidades budistas nos anos 70 e 80, entre eles Allan Ginsberg, que fundou a "School for Disembodied Poetics" na Universidade Budista de Naropa, no estado do Colorado.

contestação política nas décadas de 40 e 50 (MOROTTO, 2007). Já Judah (1974), menciona o fato das mudanças sociais grandes terem sido estimuladas por grupos jovens como na Itália nos anos 1840 pela independência do país ou as rebeliões jovens do século XIX na Rússia e na Alemanha (MOROTTO, 2007:43; JUDAH, 1974:100).

A contracultura como fenômeno cultural, social e político é definida a partir de um conjunto de acontecimentos que abrange mais do que uma década e seu ponto de partida é apontado de diferentes formas por diferentes autores (MILLER, 1991; JUDAH, 1974; OPPENHEIMER, 2003; MOROTTO, 2007; VALLVERDÚ, 2001; MAGNANI, 1999). Para falar da "contracultura" é preciso falar dos "anos 60" e, há quem refira-se aos dois como se fossem o mesmo. Oppenheimer (2003) no entanto afirma que não existiu um fenômeno dos "anos 60" coerente e que os "anos 60" seria um conceito que abrange acontecimentos desde a década de 50 e prolonga-se até meados dos anos 70, apontando uma aparente confusão entre os termos.¹⁰

Entre os principais acontecimentos apontados como impulsionadores do surgimento da contracultura estavam as iniciativas civis, os movimentos ecológico, anti-nuclear, de mulheres, de homossexuais, estudantil e anti-Guerra do Vietnam.

A Guerra do Vietnam, por exemplo, foi vista como aquela que mais uniu jovens em busca de uma

¹⁰ De uma opinião bastante radical, Oppenheimer complementa dizendo: "alguma coisa aconteceu, seja quais forem as datas, algo que tinha a ver com comportamento, roupas, linguagem, música e sexualidade", e conclui dizendo que os anos 60 nunca existiram. (2003:4)

causa, agregando inclusive muitos diferentes grupos majoritariamente jovens, incluindo os hippies (JUDAH, 1974:101). Oppenheimer (2003) é da opinião contrária e afirma que a adesão dos jovens à esquerda, à nova estética, aos novos estilos de vida e aos movimentos culturais da época não tinha qualquer conexão com o movimento anti-Guerra do Vietnam. Como exemplo, ele diz que o revival da "música folk" começou nos anos 50, que Bob Dylan só surgiu em 1962 e que a maior parte dos acontecimentos importantes nas artes nada tinham a ver diretamente com as manifestações contra a guerra. Para ele, a escalção para a Guerra certamente fez com que mais jovens sentissem-se atraídos à contracultura, mas que quando isto aconteceu, sua iconografia já tinha sido criada (OPPENHEIMER, 2003:6).

A oposição à ordem da sociedade tecnológica e o afastamento da cultura dominante eram os pontos centrais para a geração de jovens da época do movimento da contracultura, que acabaram por estimular diversos novos estilos de vida. Esta oposição uniu-se a um interesse pelo "exótico" como forma de negar os modelos dominantes, estimulando o surgimento de diversas novas "comunidades", inclusive as associadas à um "misticismo oriental".

A controvérsia suscitada por este fenômeno fez com que muitos jovens se convertessem e associassem-se a novas formas de espiritualidade com um caráter marcadamente diferente dos modelos religiosos como o catolicismo, judaísmo e o protestantismo, por oferecerem justamente o novo estilo de vida que buscavam (VALLVERDÚ, 2001:57).

Surge então um interesse progressivo da juventude da

contracultura pelo misticismo¹¹ e também pelas drogas psicodélicas e as experiências comunitárias como uma forma de resposta a seus conflitos geracionais e de identidade (VALLVERDÚ, 2001). Neste sentido, a contracultura como fenômeno nos Estados Unidos da América, e com eco em outros países, terá um papel fundamental não somente no surgimento do Movimento Hare Krishna nos Estados Unidos da América, mas também na sua implantação e expansão internacional. Foi a partir deste espaço aberto às novas propostas de estilo de vida e de uma "crise das instituições produtoras de sentido", que fizeram Nova York como o primeiro destino de Prabhupada uma escolha bem-sucedida para a propagação do Vaisnavismo no "Ocidente" (MAGNANI, 1999:15).

Transcendência, drogas e *rock n' roll*

A transcendência é um modo de estar que ultrapassa as limitações da existência física, em geral associada à meditação, ao psicodélico e às visões paranormais.

¹¹ Misticismo vem do grego "mystikos", que significa algo secreto ou conectado com mistérios religiosos. Hoje em dia o misticismo está relacionado com promessas de insights especiais e iluminação ou experiências como um senso de conexão com o cosmos, estados de transe ou visões. De todo modo, o misticismo associado à espiritualidade é mais associado com a busca por comunhão ou a presença de Deus como realidade suprema. É também associado com um conhecimento intuitivo do sagrado para além de análises ou da razão. Em resumo, é a transformação da consciência (iluminação) e um sentido de conexão com o supremo sentido da vida (SHELDRAKE, 2012:26)

A experiência da transcendência, central na busca destes jovens no movimento da contracultura, não era apenas uma busca espiritual, aconteceu muito em torno de drogas, que provocavam um estado de satisfação e relaxamento que acreditavam gerar autorrealização (HANN, 2008).

A geração de jovens da década de 60 não queria ser um devoto *strictu senso*, mas sim escolher alguns aspectos da vida devocional que lhes eram convenientes, mas mantendo alguns de seus hábitos anteriores. Tanto o uso de drogas em busca de uma experiência transcendental, como a participação em práticas espirituais maioritariamente da Índia, tinha o objetivo de questionar o estilo de vida convencional, porém sem exageros. Neste sentido, uma prática como a proposta pelos Hare Krishna, que oferecia uma experiência transcendental e espiritual baseando-se essencialmente em cantar um único mantra, tornou-se atrativa a estes jovens.

Consciente da busca destes jovens, Prabhupada focava em divulgar sua prática como um método simples para atingir a autorrealização. Com dizeres como "fique chapado pra sempre, pratique a consciência de Krishna!" ("*Stay high forever, Practice Krishna Consciousness!*") Ou "Imagine só uma sala cheia de LSD. A consciência de Krishna é assim" ("*Just Imagine a room full of LSD. Krishna Consciousness is like that*") em seus folhetos e vitrine, o público alvo do guru estava bastante claro (Hann 2008: 70-71). O que Prabhupada oferecia era supostamente a mesma sensação das drogas, mas com um valor de "Tradição" e "Ciência" espirituais. A "tradição" justificava-se pela origem da prática espiritual na Índia basear-se em livros sagrados

como o Srimad Bagavatham, de VIII a.C. e o *Bhagavad Gita*, de IV ac. Já a ciência espiritual focava na prática de repetição de mantras ser apresentada como um "método científico" para desenvolvimento de autorrealização, baseado em estudos sobre a vibração do som através da física e do impacto no corpo humano comprovados também pelo *Bhagavad Gita*.

A questão de devotos terem sido ex-usuários de drogas foi constantemente mencionada em entrevista durante o meu trabalho de campo, mesmo quando não questionadas. Era um dos assuntos que se repetiam nas entrevistas e pela recorrência pediram uma atenção sobre a questão na pesquisa. Diversos autores que tiveram o Movimento Hare Krishna como objeto de pesquisa encontraram entre seus colaboradores ex-usuários de drogas e dialogaram sobre a questão em seus trabalhos.

A antropóloga Francine Daner (1974), constata que, em muitos casos, antes da conversão ao Movimento Hare Krishna, muitos devotos norte-americanos tinham problemas com as drogas que procuravam para atingir a "transcendência". Daner afirma que, quando o jovem (que acabaria por tornar-se devoto) percebia que as drogas não davam as respostas que buscava, acabava encontrando o caminho da devoção à Krishna. A experiência psicodélica anterior à entrada na ISKCON representava a mais importante faceta da vida do pré-devoto, mas outras também apareciam, como por exemplo a dieta vegetariana, a experimentação sexual, viagens, outras visões filosóficas e religiosas (DANER, 1974:4).

Na perspectiva do Movimento Hare Krishna no Brasil, em sua

pesquisa, Guerriero (2009) encontrou o mesmo tipo de perfil entre os devotos. Ele afirma que a maioria dos devotos entrevistados na época da pesquisa admitiu o uso de algum tipo de droga de maneira regular, não sendo esta questão restrita aos jovens da contracultura norte-americana. Para estes devotos, a conversão trouxe disciplina e um incentivo para deixarem de ser usuários. Isto em parte acontece também porque os regulamentos da prática espiritual Hare Krishna, que indicam o comportamento que um devoto de Krishna deve ter, são muito rígidos, acabando por propor uma mudança radical no cotidiano destes indivíduos, que resulta num afastamento das drogas. Guerriero observa que os devotos passavam de uma permissividade radical para um controle sistemático principalmente no que se refere à alimentação, intoxicação e vida sexual (GUERRIERO, 2009:5).

Diversos autores discutem a relação das drogas com as novas religiões e a espiritualidade (DANER, 1974; GUERRIERO, 2009; HANN, 2008; SHEPHERD, 1972). Para Shepherd (1972), a experiência com as drogas e todo o ethos construído em torno delas pela juventude associada ao movimento da contracultura mereceria ser vista como "religiosa". Não as drogas em si, mas a experiência ou o efeito da utilização por conta de suas "qualidades místicas". As drogas eram vistas como proporcionadoras de uma "nova dimensão" para a vida e de mudar a perspectiva do cotidiano. Para ele, as drogas no âmbito do movimento da contracultura eram usadas como símbolo e ritual, ajudando a criar uma sensação de coesão social. Também o próprio ritual e uso das drogas teria a função de criar uma

sensação de pertença para os que se sentem "fora da sociedade" (SHEPHERD, 1972:6). O autor sugere que a música e o uso das drogas em conjunto por jovens ligados ao movimento da contracultura podem ser vistas como uma "nova religiosidade", um "novo estilo de vida religioso".

Um dos vetores deste diálogo foi certamente a música popular, que através de bandas e músicos que transitavam entre o uso de drogas e a busca por transcendência através de filosofia hindus, influenciavam toda uma geração de jovens. Entre os diversos atores da música popular na época, o The Beatles certamente foi o grupo musical de maior influência em direção à busca por transcendência, apropriando-se de sons, imagens e filosofias da Índia em suas músicas. A banda foi pioneira na criação de diálogo entre a música popular e a música indiana e determinante na propagação da tendência musical (LEANTE, 2000:105).¹²

O grupo The Beatles quando surge em 1964, passa a incorporar às suas letras aspectos das novas propostas de estilo de vida que sugeriram com o movimento da contracultura e as principais discussões dos movimentos sociais da época: a guerrilha, o pacifismo, o amor livre, a desobediência, as drogas e o misticismo. Entre os álbuns mais emblemáticos da época certamente está o "Revolver", de 1966, em que a influência de instrumentos indianos na música da banda torna-se também bastante evidente. Antes de "Revolver", a música "Norwegian Wood", de 1965, já apresentava o diálogo com a

¹² Laura Leante publicou um dos primeiros estudos na etnomusicologia que abordam o diálogo entre a música pop e a música indiana a partir da banda The Beatles (2000).

música indiana hindustani (LEANTE, 2000:105) e no filme atuado pela banda intitulado "Help", do mesmo ano, os músicos eram perseguidos por "membros de um culto indiano" (LEANTE, 2000).

A banda flertou com vários gurus, inclusive Ravi Shankar, que seguia a tradição Gurushishya parampara¹³. Sua busca era por uma auto-realização "fácil" e sem grande envolvimento, típico da época, tanto pelo caminho das drogas, como da meditação e até mesmo das duas em conjunto (HANN, 2008). Na realidade o único integrante da banda que se dedicou arduamente ao estudo e aprofundamento na filosofia oriental foi George Harrison, chamado de "camaleão hindu" por Hann, e que foi quem também introduziu o instrumento indiano Sitar na banda, que é visto por ela, como o que gerou curiosidade dos outros integrantes com a Índia. A banda realizou inclusive uma viagem em 1968 para Rishikesh, norte da Índia, para um treinamento de Meditação Transcendental ministrado pelo guru Maharish Mahesh Yogi. Segunda a autora, os Beatles em três anos transitaram de Bob Dylan e a maconha, para Timothy Leary e o LSD, para Ravi Shankar e terminando com os gurus Maharishi e Prabhupada (HANN, 2008:18).

Meu primeiro "livro Hare Krishna", que me foi dado por um devoto no Brasil na década de 1990, tinha como título "*A Formula da Paz. Destacando conversas exclusivas com John Lennon e George Harrison*". O livro pretende confirmar

a associação dos Beatles com os devotos Hare Krishna. Em cada capítulo do livro, conta-se com uma pequena citação, sobre como o *maha mantra* está presente em algumas das músicas dos Beatles. O livro contém também supostamente a reprodução do primeiro diálogo entre Prabhupada, John Lennon e Yoko Ono em junho de 1969, encerrando com um capítulo intitulado "O mantra Hare Krishna no Ocidente", em que reproduzem trechos da biografia de Prabhupada, que conta a sua chegada ao "Ocidente". O último capítulo começa com a seguinte citação:

Em sua primeira vinda aos Estados Unidos, em meio ao tumulto cultural da década de sessenta, Sua Divina Graça A. C. Bhaktivedanta Swami Prabhupada logo cativou os corações e mentes dos hippies de Nova York e São Francisco com o cantar do mantra Hare Krishna. No espaço de três anos, ele viajou para Londres e, em 1971, os ex-Beatles John Lennon e George Harrison gravaram Hare Krishna em canções de sucesso (PRABHUPADA, 1986:25).

A importância em traçar a relação dos Beatles com este movimento de gurus indianos nos Estados Unidos da América tem a ver com a exemplificação do ponto de partida para o fenômeno da entrada das práticas espirituais maioritariamente da Índia no país e o diálogo criado desde o princípio com a cultura popular, em especial a música. Proponho que este diálogo, entre as práticas espirituais e a

¹³ Guru-shishya, também traduzido como a relação entre o professor (guru) e um sisya (discípulo ou chela), é uma tradição hindu centrada na transmissão de ensinamentos. Os conhecimentos transmitidos podem ser espirituais, na arquitetura, ou como no caso de Ravi Shankar, na música.

música popular, não tenha sido meramente um acaso. O fato de muitas destas práticas terem o canto de mantras como central para a busca espiritual dos indivíduos, torna o diálogo com a música popular um meio eficaz para trazer mais adeptos.

Em seu artigo "*Religion and the Counterculture - a New Religiosity*", o sociólogo William C. Shepherd (1972) discute a analogia entre o "ser religioso" e o "ser musical". O autor propõe a existência de um uso musical da religião e um uso religioso da música, apontando para os jovens do movimento da contracultura como um caso emblemático para esta discussão. Para ele, é no período do movimento da contracultura que a busca de uma experiência unificadora da juventude surgiu numa escala nunca antes vista (SHEPHERD, 1972:7).

É importante refletir também de que modo os Beatles, vistos como porta-vozes de uma geração, ajudaram a valorizar a proposta da busca de auto-realização e de transcendência através dos gurus indianos presentes em países como os Estados Unidos da América. Hann (2008) vai mais longe afirmando que os próprios Beatles, ou o ser fã da banda, na época era uma religião em si. O grupo musical The Beatles, portanto, ajudaram a autenticar as filosofias orientais presentes no movimento da contracultura como resposta às inquietações da época, que eram vistas como capazes de trazer conhecimento e solução sábia para os dilemas que enfrentavam e já não tinha capacidade de resolver.

Os gurus no "Ocidente"

A ideia de que o "Oriente" oferece uma salvação para o "Ocidente" "corrompido" pelo

materialismo", foi amplamente explorada por todos os gurus espirituais que foram até os Estados Unidos da América propor algum caminho de "salvação", "uma fórmula mágica", que não correspondia exatamente com o modo com que as práticas espirituais funcionavam na Índia. Neste sentido, práticas "orientais" são readaptadas. O "tantra"¹⁴ torna-se uma proposta para melhorar o desempenho sexual, a meditação uma fórmula para dormir melhor e a yoga um exercício físico, todos propondo uma "transformação espiritual" que permite que os "ocidentais" possam aplicar as propostas "orientais" no seu contexto (HANN, 2008:16).

É importante ressaltar que Prabhupada não foi o primeiro a propor uma nova filosofia oriental nos Estados Unidos da América e nem mesmo o primeiro guru com quem o grupo The Beatles teve contato. O primeiro guru popular entre os jovens do movimento da contracultura foi Maharishi Mahesh Yogi, que chegou aos Estados Unidos da América em 1959. A proposta filosófica de Maharishi incluía práticas espirituais hindus a partir dos valores da classe média norte-americana. Da mesma forma que o Swami Vivekananda, propagava uma ideia de Hinduísmo unificado como uma religião mundial, Maharishi Mahesh Yogi conseguiu moldar as concepções que os "ocidentais" tinham do hinduísmo mesmo sem ter o status de guru nos moldes da Índia¹⁵ (HANN, 2008:65).

¹⁴ Os Tantras são textos do século XVIII e XIX originários de KAshmir, Bengala e Nepal, que focam na disciplina espiritual, atividade ritual e na obtenção de poderes mágicos (KNOTT, 2016:14)

¹⁵ Segundo Hann, Mahesh começou seu serviço a Swami Brahmananda Saraswati, um devoto de Rama, com 23 anos. Quando Maharishi começou a

Na realidade, o primeiro guru indiano presente nos Estados Unidos chegou muito antes de Prabhupada e da leva de gurus hindus no âmbito do movimento da contracultura dos anos 60 nos Estados Unidos da América. Foi Swami Vivekananda, fundador da Ordem Ramakrishna e introdutor do *Bhagavad Gita* no "Ocidente", que chegou em 1893 nos Estados Unidos. Por apresentar o *Bhagavad Gita* no Congresso de Religiões de Chicago nesse ano, acabou este tornando-se um dos mais importantes escritos e grande influência na concepção de Hinduísmo no "Ocidente". Segundo Morotto (2007), foi no Congresso de Religiões de Chicago que se deu o contato oficial entre a Índia e o "Ocidente", pois foi nesta ocasião que grandes líderes religiosos da época ouviram falar pela primeira vez do Swami Vivekananda (1863-1902). Vivekananda foi discípulo de outro Swami muito conhecido no "Ocidente" atualmente, Ramakrishna (1834-1886). Vivekananda divulgou na América do Norte a filosofia *vedanta*¹⁶ e no seu retorno à Índia

viajar e realizar um trabalho missionário, ele já tinha criado sua "Meditação Transcendental" incorporando ferramentas espirituais que tinha aprendido com seu guru junto de seus conhecimentos científicos que tinha adquirido na universidade. Para a autora, os primeiros seguidores de Maharishi não tinham conhecimento da história espiritual da Índia. Esta falta de conhecimento histórico por parte dos devotos de Maharishi facilitou sua popularidade no Ocidente. Estes devotos não sabiam que Maharishi não tinha as credenciais de um guru "verdadeiro" ou o título de "Swami." (2008:66)

¹⁶ Vedanta é um sistema filosófico em que foca no estudo de textos védicos relativos ao "brahman", que significa "a realidade suprema". Entre os épicos estudados estão os *Upanishads*, o *Bhagavad Gita* e o *Brahma-sutra*. Os

em 1897, fundou a ordem Ramakrishna, uma prática espiritual também transnacional, com sedes em diversos países da Europa, Ásia e América do Norte.

Em 1897, Vivekananda também fundou nos EUA a Vedanta Society. Um discípulo seu, chamado Prabhavananda, estabeleceu-se na Califórnia e foi guru de Aldous Huxley (MOROTTO, 2007:46-47), autor do livro "*Admirável mundo novo*"¹⁷, ícone da contracultura e adepto da transcendência através das drogas, em especial o LSD.

O foco da proposta de Vivekananda era o mesmo de Prabhupada e de muitos outros gurus que chegaram nos Estados Unidos da América, ou seja, o desenvolvimento pessoal. Para isso adaptou os conhecimentos do *Bhagavad Gita* de uma forma que fosse mais compreensível para os norte-americanos absorvessem o conteúdo do livro como se fosse representativo do próprio Hinduísmo (HANN, 2008: 58).

O sucesso de alguns gurus nos Estados Unidos da América está associado com a sua capacidade de oferecer algo com que os norte-americanos pudessem identificar-se. Neste sentido, era necessário um

estudiosos do Vedanta diferem-se entre os que acreditam na relação entre a realidade suprema e o *self* como idênticas, e os que acreditam que são separadas e diferentes. O Vedanta quando chegou nos Estados Unidos da América com Vivekananda era já uma moderna interpretação em que assumia que a realidade suprema era ao mesmo tempo um "Deus pessoal" (*personal God*) e um "Deus impessoal" (*impersonal God*), e que esse Deus era ao mesmo tempo um *self* superior em cada ser humano, ou seja, partia da ideia de que Deus é você mesmo, Deus está dentro de você (KNOTT, 2016:26).

¹⁷ Título original em inglês: "Brave New World".

casamento do "místico" com um apelo de "verdade" ou "resposta" que se aproximasse ao seu modo de pensar. Prabhupada e Maharishi, ambos formados em ciências, apresentavam suas propostas espirituais como "métodos científicos", neste sentido os efeitos dos mantras tinham provas científicas, tudo em torno de sua prática espiritual também tinha respostas "científicas" incontestáveis. Apresentando os Vedas¹⁸ como ciência e, contendo todas as respostas que estes indivíduos buscavam e, uma vez que os norte-americanos em geral não tinham conhecimento dos antigos escritos indianos, não era muito difícil convencer jovens fascinados pelo modo de vida hindu de que o que pregavam correspondia à "verdade". Tanto os gurus, quanto Ravi Shankar, - importante na popularização da filosofia oriental e da sonoridade da Índia na música popular-, falavam, segundo Hann (2008), da "naiveté", inocência dos norte-americanos acerca tanto das "provas científicas", como do conhecimento que de fato tinham do "Oriente".

Outra personalidade importante na popularização não só da filosofia oriental, mas de instrumentos e gêneros musicais

indianos foi Ravi Shankar, que passou a participar da cena musical "ocidental" quando experimentações passaram a integrar a música popular e da contracultura (Hann 2008:63). Quando George Harrison passou a ser discípulo de Shankar, este tornou-se também um superstar (HANN, 2008:64). Foi Shankar quem apresentou à George Harrison a *raja-Yoga* do Swami Vivekananda (Hann 2008:45), e o livro "A Autobiografia de um Yogui", de Parahamansa Yogananda, que acaba por aparecer na capa do disco *Sgt. Pepper Lonnely Heart Club Band*.

"Tradição" e "ciência" espirituais

Um dos principais aspectos das filosofias hindus introduzidas por gurus indianos em países como os Estados Unidos da América, considerado "ocidental", é a fundamentação da religiosidade ou espiritualidade no conhecimento científico. Acreditam ser este o caminho para o sucesso em sociedades "ocidentais". Comum a todas estas propostas filosóficas, religiosas e espirituais, inclusive o vaishnavismo, estão dois conceitos extremamente importantes para as legitimar: "tradição" e "ciência".

O Movimento Hare Krishna apresenta a "ciência espiritual" como um "método científico" não empírico (KETOLA, 2004: 311). Assim como um cientista, procura alcançar um resultado através de um "método científico" que parte da fé em Krishna. Em uma publicação do Movimento Hare Krishna intitulada *Veda: Segredos do Oriente*, Navina Syama Dasa questiona a "ciência convencional", por conta de "formas rígidas como a Física e a Biologia" não oferecerem técnicas apropriadas para responder sobre questões como a existência de Deus, o amor, a saudade, etc (2013: 113). A autora

¹⁸ "Os Vedas são compilações do conhecimento humano. O conhecimento védico vem do mundo espiritual, do Senhor Krishna. Outro nome para Vedas é *sruti*. (...) *Sruti* significa que esse conhecimento deve ser recebido através da recepção auditiva. Os Vedas ensinam que para compreender o conhecimento transcendental, temos que ouvir a autoridade. O conhecimento transcendental é aquele que está além desse universo. Dentro deste universo está o saber material, e além deste universo situa-se o conhecimento transcendental" (PRABHUPADA, 2013:31-32).

afirma que o "naturalismo"-, que aponta para a suposição de que todo fenômeno natural possui causas naturais-, e a "doutrina da falsificação"-, que defende que para algo ser considerado científico é preciso apenas alguém provar que é falso-, são ambas equivocadas (NAVINA, 2013: 115). Segundo Navina, os pesquisadores científicos atuais são descendentes do Iluminismo, movimento que mudou a visão da humanidade dos céus para a terra, focando na razão e no progresso em detrimento do dogma e da tradição. Para ela, estes cientistas, explorando a ciência através da razão e do intelecto, partem de iniciativas individuais, defendendo que preferem centrar suas teorias confiando em seus próprios sentidos, do que em uma fonte externa, uma figura de autoridade, a exemplo de um guru (NAVINA, 2013: 121). Segundo os devotos, a literatura védica é um meio genuinamente científico para se conhecer Deus, apresentando um processo coerente que incorpora tanto a razão como o empenho individual, convidando as "almas desejosas" a fazerem sua própria investigação (NAVINA, 2013: 123). Dessa forma, o método védico permitiria transcender as restrições do conhecimento positivo e as restrições da falsificação, através de um modo harmonioso com ideias científicas verificáveis. Defendem que ter fé e acreditar no método científico a partir dos Vedas não é diferente do método científico empírico, em que se parte de uma hipótese que deverá ser investigada para obter um resultado (NAVINA, 2013: 122).

Entre os Hare Krishna é o *Bhagavad Gita* que dá o valor de tradição ao Movimento, já que é um livro amplamente conhecido no "Ocidente", antes mesmo da

chegada de Prabhupada. A "tradição" confirma-se também nos livros traduzidos para o inglês por Prabhupada¹⁹, entre eles escrituras sagradas e tratados teológicos de toda a tradição Vaishnava. As narrativas tradicionais dos épicos hindus (especialmente *Mahabharata*²⁰) e os "Puranas"²¹ (especialmente *Srimad Bagavatam*) formam um rico reservatório de discurso doutrinário e narrativas mitológicas para os devotos Hare Krishna (Ketola 2004). A história de Krishna contada no *Bhagavad Gita*, que é um capítulo do *Mahabharata*, fornece a espinha dorsal da teologia do Movimento Hare Krishna. Em segundo lugar, existem as literaturas hagiográficas sectárias que lidam com fundadores de linhagens espirituais específicas, como a biografia de Caitanya (1486-1534) e os tratados teológicos escritos por seus discípulos mais próximos (os chamados seis Goswamis de Vrindavana). Em terceiro lugar, existem as traduções e comentários destas obras feitos por Prabhupada. Cada um dos trabalhos mencionados acima foi traduzido e amplamente comentado por ele e é através

¹⁹ Não foi encontrada uma fonte precisa do número de livros escritos e traduzidos por Prabhupada. O site oficial da ISKCON, onde consta uma lista de todos os livros da Baktivedanta Book Trust, editora que Prabhupada fundou em 1972, não diferencia entre os livros que Prabhupada traduziu e os que escreveu. Todos constam como de sua autoria, ou ao menos não é feita a referência no site daqueles que são traduções. Na lista de livros da BBT constam 43 livros em seu nome. <http://www.krishna.com/books>

²⁰ É apontado como um dos textos sagrados mais importantes no hinduísmo por ser visto como um manual de psicologia humana.

²¹ Purana em sânscrito significa um texto ancestral ou uma enciclopédia.

destes trabalhos de interpretação que as escrituras sagradas são abordadas (KETOLA, 2004: 309).

Um dos mais importantes "fundamentadores" do diálogo entre a física e espiritualidade é o físico teórico Fritoj Capra a partir do seu largamente divulgado livro no meio esotérico "O Ponto de Mutação", publicado em diversos idiomas.²² Capra procurou mostrar a unidade entre a visão de mundo da física atômica moderna e do misticismo oriental. A proposta do físico seria então, a partir da afinidade entre essas duas visões, a criação da possibilidade de uma nova

compreensão científica da realidade, que acarretaria uma forte mudança de pensamento, percepção e valores (MOROTTO, 2007:42).

Anteriores à Capra estavam as "seitas metafísicas", decorrentes do crescimento do ocultismo no século XIX. Entre estas, é importante citar o crescimento do Espiritualismo e da Teosofia, consideradas, as mais "ocultas" do movimento da metafísica (JUDAH, 1974:106-107). O Espiritualismo nos Estados Unidos da América surgiu em meados do século XIX, aproximadamente dez anos antes da Guerra Civil, sendo inicialmente seguido por muitos abolicionistas que acreditavam em "espíritos". O espiritualismo pegou emprestado a retórica da frenologia (que estudava o caráter e o grau de criminalidade de uma pessoa pela forma da cabeça), mesmerismo (que acreditava na cura pela hipnose) e no transcendentalismo. Os líderes do espiritualismo declaravam que seu objetivo era tornar as manifestações do espírito uma investigação empírica científica (MOORE, 1972:481).

No século XIX, Helena Blavatsky, fundadora da teosofia, buscou na Índia uma forte inspiração que influenciaria a sua criação. Morotto define Teosofia como "um sistema filosófico versado no conhecimento da realidade transcendente que se faz presente por meio de revelações ou da prática do ocultismo" (2007:47). Etimologicamente, Teosofia vem do grego *theos* e *Sophia*, sabedoria. A moderna Teosofia foi fundada em Nova York pela mística Madame Helena Pretova Blavastky e afirma que todas as religiões têm origem na mesma raiz ou sabedoria arcaica, repetindo muitos mitos e símbolos (MOROTTO, 2007). O estudo de seus segredos pode conduzir as pessoas à verdade e à unidade espiritual. Entre

²² Esotérico (ou Esoterismo) refere-se de uma forma geral a uma filosofia ou doutrina filosófica religiosa associadas ao ocultismo, ao conhecimento paranormal. Segundo Magnani (1996), "o termo *esotérico* atualmente é utilizado para nomear uma extensa gama de práticas incluindo sistemas divinatórios, propostas de autoajuda, técnicas de relaxamento e meditação, celebrações e rituais coletivos, terapias de inspiração oriental e muitas outras modalidades." Para ele "esse termo não é adequado para descrever práticas tão variadas como a consulta ao tarô, I-ching, runas; aplicação de massagem ayurvédica, do-in, shiatsu; exercícios de yoga, tai-chi chuan, liangong; sessões xamânicas, rituais de prosperidade, sem esquecer o consumo de incenso e a crença em duendes. No campo das religiões e sistemas iniciáticos, esotérico tem uma aplicação bastante precisa: designa aqueles ritos ou elementos doutrinários reservados a membros admitidos em um círculo mais restrito; *exotérica* é a parte pública do corpo cerimonial e dos ensinamentos." Segundo ele, alguns adeptos preferem "práticas alternativas", "misticismo", "Nova Era". Na falta de uma conceituação mais adequada, o autor optou por manter a palavra antecedida do prefixo *neo* "com o propósito de diferenciá-la do uso mais tradicional" (MAGNANI, 1996:6-8).

os principais discípulos de Blavatsky se destacaram a ativista feminista Annie Wood Bessant e o indiano Jiddu Krishnamurti, que participou da Sociedade Teosófica de 1908 a 1930" (MOROTTO, 2007). Estas linhas de pensamento surgem a partir da crise entre a ciência e a religião do final do século XIX, que passaram a discutir Deus a partir de leis científicas, tornando-se ciências religiosas cujos efeitos baseavam-se em resultados, como uma melhoria na saúde, na prosperidade, na felicidade e no bem-estar, discurso muito próximo da propostas de Prabhupada. Segundo Judah (1974), apesar das "seitas da metafísica" terem sempre sido mais associadas ao cristianismo, a base da sua filosofia é mais próxima da visão monística do Vedanta Hindu e do Dualismo Gnóstico. O autor acredita que as "seitas metafísicas" têm pontos em comum com o Movimento Hare Krishna, compartilhando um passado histórico.

A "tradição", unindo-se à "ciência", ajuda a definir os próprios pressupostos, métodos e propósitos da ciência "como lhes convém" (MAGNANI, 1999:84). Magnani confirma que "a visão de ciência que circula entre os neo-esotéricos nem sempre corresponde àquela (ou àquelas) que prevalece(m) no campo acadêmico; tampouco existe uma visão única, e sim várias concepções" (1999:84). Segundo ele, em muitos casos, enfatiza-se as coincidências das descobertas científicas recentes com alguma referência à "tradição" para dar valor de verdade ao seu discurso (MAGNANI, 1999:85).²³ A "ciência"

²³ "Em alguns casos, o que se privilegia são determinados enfoques, hipóteses ou linhas consideradas, no meio neo-esô, "de ponta": a mecânica quântica, a teoria do caos, as estruturas

surge então como legitimadora do conhecimento presente na "tradição", tornando suas "verdades" incontestáveis para a realização pessoal que buscam estes indivíduos. Magnani (1999) argumenta: "Se a ciência não é garantia de esperança num futuro melhor, a ela (...) reserva-se o papel de confirmar e legitimar a validade, coerência ou ao menos a verossimilhança das verdades tradicionais" (MAGNANI, 1999:86).

Mantra Rock Dance

"(...) nós estávamos no início, foi um festival (que) foi um momento chave, um triunfo do Movimento Hare Krishna. Era um grande festival que ia se fazer em São Francisco, em 1967, tinha as melhores bandas do mundo e São Francisco era o centro da revolução da contracultura. (...) Prabhupada viu ali uma boa oportunidade para ir lá explicar o que era um mantra. Então chegou lá, o cheiro, como há de compreender, quando entrou no segundo pavilhão de 20 milhões de pessoas, o cheiro era à erva. Então às tantas

dissipativas, a hipótese Gaia, etc; em outros constrói-se uma leitura muito particular de determinada disciplina. Repete-se aqui o processo já mencionado na composição da Tradição, em que o legado de civilizações plenamente documentadas figura, aparentemente sem maiores problemas epistemológicos, ao lado de civilizações simplesmente tidas como "desaparecidas", sem registro documental." (MAGNANI, 1999:85)

pedem para ele cantar um mantra, ele diz: "eu canto, mas primeiro vou explicar." Então ele fala 3 a 4 minutos, explica o que é um mantra e pede às pessoas para cantar, para repetir o que dizia. Estiveram a cantar uma hora e meia! Acho que o pavilhão se foi abaixo!" (Luiz, em entrevista em junho de 2013).

Como já foi mencionado neste capítulo, existiu desde o princípio do Movimento Hare Krishna uma tentativa de aproximação aos jovens através da música popular. Um dos grandes exemplos desta conexão entre o Movimento e a música popular na contracultura foi a realização de um festival em São Francisco, Califórnia, chamado *Mantra Rock Dance*. A cidade, simbólica não só pela presença dos hippies, como dos movimentos estudantis norte-americanos e terreno de diversas manifestações de outros movimentos sociais já apontados neste capítulo, pareceu aos devotos organizadores do evento o lugar ideal para um festival.

Na década de 60 existiam duas cidades em que a contracultura e os movimentos culturais e sociais aconteciam, Nova York (sede da ISKCON) e São Francisco. Portanto não é surpreendente que o fundador do Movimento uma vez estabelecido em Nova York escolhesse a cidade do estado da Califórnia para abrir outro templo e também como palco da propagação de sua filosofia através de um festival.

Foi então em 1967, que o Movimento Hare Krishna organizou um festival chamado *Mantra Rock*

Dance, no Avalon Ballroom²⁴, em São Francisco. Este evento é visto pelos devotos como divisor de águas na popularização do Movimento Hare Krishna. Bandas como Grateful Dead, Janis Joplin, Jefferson Airplane entre outras foram convidadas a participar do evento, além do poeta ícone da contracultura Allan Ginsberg. A partir da biografia de Prabhupada, uma descrição da noite do festival permite com que mais uma vez reforce-se a discussão acerca do diálogo do Movimento com a música popular (SATSVAPURA, 1983; KETOLA, 2004).

A biografia de Prabhupada descreve em detalhes o festival, que teria começado com devotos tocando e cantando no palco o mantra Hare Krishna acompanhados por músicos que participariam do evento. Este contava com um luxuoso show multimídia de efeitos e luzes, além de muitos incensos acesos, criando uma atmosfera sensorial intensa. Depois das bandas de rock tocarem por quase duas horas, Prabhupada entrou em palco cheio de flores, com devotos jogando mais pétalas e o público aplaudindo sua entrada como se fosse mesmo uma "estrela de rock". Junto de sua entrada, imagens de Krishna eram projetadas no palco (SATSVAPURA, 1983:105). Allen Ginsberg fala sobre o *maha mantra* e Movimento de consciência de Krishna junto de Prabhupada, quando este pede para que o poeta começasse a

²⁴ O Avalon Ballroom localizava-se na rua Sutter 1244, no bairro Polk Gulch. O espaço funcionou entre 1966 e 1969 e era um dos principais palcos de bandas que faziam parte do movimento de contracultura. Algumas das bandas que tocaram no Mantra Rock Dance já costumavam tocar no local. O local era também conhecido pelos seus cartazes de arte psicodélicas os quais o evento Mantra Rock Dance também ganhou sua versão.

cantar o mantra. Ginsberg começa a tocar o harmônio e a cantar e o público gradualmente o acompanha, integrantes de banda também começaram com seus instrumentos, o público começa a dançar. Prabhupada também levanta e dança junto do público, que começa a imitar os gestos e danças do fundador do Movimento. O canto do mantra em conjunto durou mais de uma hora, quando Prabhupada de repente pára o canto do mantra, canta outro diferente do *maha mantra* e sai. Em seguida Ginsberg anuncia outra banda no palco.

Ketola (2004) afirma que são estes *happenings* e eventos públicos que solidificam a percepção do público sobre o Movimento Hare Krishna como uma "religião da contracultura". O autor acredita que a própria percepção dos novos movimentos religioso como um todo foi provavelmente influenciada pela imagem popular e colorida dos rituais Hare Krishnas e do novo estilo de vida de seus integrantes (KETOLA, 2004:305). Já para Shepherd (1972), a experiência religiosa é análoga à experiência estética proporcionada pela música chamando esta de "nova religião cultural". Para ele, foi o rock junto da experiência das drogas que proporcionaram o contexto para as atividades ritualísticas da contracultura. Os festivais podem ser também rituais, representações simbólicas de objetos, crenças ou verdades que tenham significado para um grupo e onde existe uma ideia ou proposta de transformação (COOLEY, 1999:31). Em resumo, é possível dizer que festivais podem ser utilizados simbolicamente e ritualmente para preservar, representar identidades em um mundo em transformação. Prabhupada soube fazer um bom

uso do potencial, como descrito acima, que um festival pode ter.

Ao falar em festivais na época, impossível não mencionar o festival de Woodstock, em 1969, como um dos grandes acontecimentos musicais da contracultura que para Shepherd (1972), foi um "*happening* potencialmente religioso" (1972:8). Não pretendo afirmar que o grupo musical The Beatles, o movimento da contracultura ou as drogas são práticas religiosas, mas que existem processos semelhantes de busca de sentido, de quebra de paradigma e de um desejo de fazer parte de um grupo que sintam-se à vontade para participar.

Considerações finais

O Movimento Hare Krishna é um objeto de estudo particularmente rico para compreender a relação entre as práticas espirituais / religiosas e musicais. Os devotos Hare Krishna comunicam a linguagem "religiosa" através da linguagem musical, comunicando a consciência de Krishna de modo que permite a participação de indivíduos de diferentes origens. A performance musical, a dança, e outras práticas expressivas são modos através dos quais os indivíduos articulam identidades coletivas que são fundamentais para a formação e a sustentação de grupos sociais, indispensáveis para a sobrevivência (TURINO, 2008:2).

O cenário cultural e político em que o Movimento Hare Krishna surge nos Estados Unidos da América é caracterizado por uma abertura à filosofia hindu e por uma busca por novos estilos de vida entre os jovens. Estas condições propiciaram o sucesso de propostas como a de Prabhupada e de outros gurus na mesma época. A fim de serem aceitas e de se adaptarem ao

contexto norte-americano, diferentes práticas que seguem a filosofia hindu fundamentaram-se na sua associação com ideias sobre "tradição" e "ciência".

A relação dos "gurus orientais", mais especificamente de Prabhupada, com o cenário cultural, em especial a música popular, e com ícones como a banda The Beatles, foi central para a propagação da filosofia hindu e o sucesso do Movimento Hare Krishna na época. Esta associação com a música popular não é característica somente do início do Movimento, mas permanece até hoje como importante estratégia de propagação do Movimento Hare Krishna. Alguns estudos centrados na relação da música e da religião, como o de Robin Sylvan (2002), afirmam o potencial da música para a experiência religiosa por conta de sua atuação em diferentes níveis como o psicológico, sociocultural, semiológico, ritual e espiritual. Esta característica da música, em especial a popular, não é, de nenhuma forma, ignorada por líderes religiosos. Neste sentido, assim como Oppenheimer (2003), proponho que a associação da prática religiosa com elementos da cultura popular, em especial a música, é uma característica central no sucesso de novas religiões e no desenvolvimento de seu carisma, como é o caso do Movimento Hare Krishna desenvolvido a partir dos Estados Unidos da América.

Referências

ADAMI, Vitor Hugo da Silva. *O pensamento coletivo Hare Krishna e seus modos de institucionalização: um estudo sobre comunidades globalizadas e identidades locais*. Tese de doutorado, Espanha, Universitat Rovira Virgili, 2013.

BALDELLI, Debora. *Práticas espirituais e expressivas no contexto migratório: uma etnografia do Movimento Hare Krishna na cidade de Lisboa*, desenvolvida na Universidade Nova de Lisboa, Instituto de Etnomusicologia, 2017.

COOLEY, Timothy. Folk Festival as Modern Ritual in the Polish Tatra Mountains. *The World of Music*, Vol. 41, No. 3, Music, Travel, and Tourism, 1999, p.31-55.

DANER, Francine. *The American Children of Krsna: A Study of Hare Krishna Movement*. Nova York: Holt Rinehart & Winston, 1976.

GUERRIERO, Silas. "Caminhos e Descaminhos da Contracultura no Brasil: o Caso do Movimento Hare Krishna", em Revista Nures no. 12; Núcleo de Estudos Religião e Sociedade, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2009, p.1-9.

HANN, Corinna. "Get back to where you once belonged": the Beatles, post-colonialism, and religion. Dissertação de Mestrado. The College of William and Mary, 2008.

JUDAH, J. Stillson. *Hare Krishna and the Counterculture*. New Jersey: John Wiley & Sons Publications, 1974.

KETOLA, Kimmo. The Hare Krishna and the Counterculture in the Light of the Theory of Divergent Modes of Religiosity. *Method & Theory in the Study of Religion*, vol.16, No.3, Implications of Cognitive Studies for the Study of Religion. Leiden: Brill Publisher; 2004:301-320.

_____. *The Founder of the Hare Krishnas as Seen by the Devotees: A*

Cognitive Study of Religious Charisma. Boston: Leiden, 2007.

_____. *Hinduism A Very Short Introduction*. Oxford, Oxford Press, 2016.

LEANTE, Laura. Love you to: Un exemple de rencontre entre musique indienne et musique pop dans la production des Beatles. In: *Cahiers de musiques traditionnelles*, Vol. 13, Métissages, 2000:103-118.

LOURENÇO, Inês. *Os Corpos da Devi: religião e gênero em diáspora*. Tese, Lisboa, ISCTE-IUL, 2009.

MAGNANI, José Guilherme C. *Mystica Urbe: um estudo antropológico sobre o circuito neo-esotérico na metrópole*. São Paulo, Studio Nobel, 1999.

MILLER, Timothy. *The Hippies and American Values*. The University of Tennessee Press, 1991 [2011].

MITCHELL, A. Mitchell, "Buddhism and the Beats". In: Oxford Bibliographies (online), 2013. <<http://www.oxfordbibliographies.com/view/document/obo-9780195393521/obo-9780195393521-0109.xml>> (acesso em 12/07/2016)

MOORE, R. Laurence. "Spiritualism and Science: Reflections on the First Decade of the Spirit Rappings", em *American Quaterly*, Vol.24, No. 4 (Oct., 1972), The Johns Hopkins University Press, 1972: 474-500.

MOROTTO, Leonor. *Além do Ganges: Rituais Hinduístas na Urbe Paulistana. Fenômeno de Re-Significação Religiosa Numa Metrópole Ocidental*. Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2007.

OPPENHEIMER, Mark. *Knocking on Heaven's Door. American Religion in the Age of the Counterculture*. New Haven: Yale University Press, 2003.

PRABHUPADA, A.C. *Bhaktivedanta Swami. Uma Antologia de Artigos e Ensaios do Veda, Segredos do Oriente*. The Bhaktivendanta Book Trust, 2013.

REX, Richard. The Origin of Beatnik. *American Speech*, Vol.50, No. 3/4; Duke University Press; 1975, p. 329-331.

ROCHFORD, E. Burke. *Hare Krishna in America*. New Brunswick/New Jersey: Rutgers University Press, 1985.

ROCHFORD, E. Burke. *Hare Krishna Transformed*. Nova York: New York University Press, 2007.

ROSZAK, Theodore. *A Contracultura. Reflexões sobre a sociedade tecnocrática e a oposição juvenil*. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1972.

SATSVAPURA, Dasa Goswami. Prabhupada: He Built a House in Which the Whole World Can Live. Los Angeles, Bhaktivendanta Book Trust, 1983.

SHELDRAKE, Philip. *Spirituality A Very Short Introduction*. Oxford, Oxford Press, 2012.

SHEPHERD, William C. Religion and the Counter Culture - A New Religiosity. *Sociological Inquiry*, 42.1, 1972, p. 3-9.

SYLVAN, Robin. *Traces of the Spirit. The religious dimensions of Popular Music*. Nova York, University Press, 2002.

TAMONY, Peter. Beat Generation: Beat: Beatniks. *Western Folklore*, Vol.28, No.4; Western States Folklore Society, 1969, p. 274-277.

TURINO, Thomas. *Music as Social Life: The Politics of Participation*. Chicago: University of Chicago Press, 2008.

VALLVERDÚ, Jaume. Movimientos religiosos e identidades juveniles. Hare Krishna en Occidente. *Estudios de Juventud n.53/01, Juventud, creencias y sectas*. Injuve, 2001: 57-71.

WOMACK, Steven. Popular Media Representations of Beat Culture: or, Jack Kerouac Meets Maynard G. Krebs. *Studies in Popular Culture*, Vol.24, No.3; Popular Culture Association in the South, 2002, p. 17-24.